

Medo de morar no albergue

O artesão Antônio Roberto Correia tem 51 anos e três filhos de nomes ecologicamente corretos: Roberto Natureza, 8 anos, Verão Brando, 6 anos, e Primavera, 4 anos. A família mora há três meses no alojamento nº 172 do albergue de Taguatinga.

A mãe de Natureza, Verão e Primavera não vive no abrigo. “Ela ficou para trás porque mexia com drogas. Vim do Mara-

nhão para cá para tentar uma vida saudável para meus filhos”, explica Antônio.

Mas não é o que encontra no albergue. “Aqui entra muita maconha e cachaça. Como chega, eu não sei. Mas toda noite sinto o cheiro da droga pelos corredores”, reclama o artesão.

A vizinha da frente de Antônio é a mineira Kátia Cassimiro da Silva, 21 anos. Ela passa o

dia cuidando do filho mais novo, enquanto o marido trabalha carregando brita nas cercanias de Taguatinga Sul.

Kátia tem medo de morar no albergue. “Não é seguro. Um dia saí para tomar café e quando voltei a porta estava escancarada. Levaram a camisa nova do meu marido.” Como os outros abrigados, ela só espera o dia de voltar para casa.